

אֲדַגְדְּלוּ הַלֹּדֶף וְגָדוֹל בְּחֶסֶד וּבְדַעַת אֲדַגְּנוּ וּמוֹשִׁיעֵינוּ יֵשׁוּעַ הַמָּשִׁיחַ
Αὐξάνετε δὲ ἐν χάριτι καὶ γνῶσει τοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ χριστοῦ
crescite vero in gratia, et in cognitione Domini nostri, et Salvatoris Jesu Christi



COMENTÁRIO BÍBLICO

Prefácio Dr. Reynaldo Odilo



Mateus

Expositivo e exegetico

Jean Carlos da Silva

**COORDENAÇÃO
EDITORIAL**
Prof Jean Carlos

**ORGANIZAÇÃO
DO TEXTO**
O Autor

**REVISÃO
ORTOGRÁFICA
E GRAMATICAL**
Dra Vanessa
Campelo

**PROJETO
GRÁFICO DE
CAPA, MIOLO E
DIAGRAMAÇÃO**
Grammata
Publicações

**CAPA:
(FINALIZAÇÃO)**
J. Eduardo
Souza

**CONTATO COM
O AUTOR**
11 99663-3202

CATALOGAÇÃO:
Maurício
Amormino Júnior

ISBN:
CBL - Câmara
Brasileira do livro

Todos os direitos reservados ao autor
Copyright by JEAN CARLOS

**DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)**

**As citações bíblicas foram
extraídas da versão traduzida por
João Ferreira de Almeida (ARC),
da Sociedade Bíblica do Brasil,
salvo indicação específica, e visam
incentivar a leitura da Bíblia.**

**É proibida a reprodução total
ou parcial do texto deste
livro por quaisquer meios
(mecânicos, eletrônicos,
xerográficos, fotográficos,
etc), a não ser em citações
breves, com indicação da
fonte bibliográfica.**



EDIÇÕES QUE EDIFICAM

Θεὸς καλὸς ἐστίν

11 99663-3202 (WHATSAPP) -

Site: www.materialteologico.com.br

JEAN CARLOS DA SILVA

**Comentário Expositivo
MATEUS**

PRIMEIRA EDIÇÃO

**Suzano / SP
Publicações Grammata
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A347C

Alcantara, Jean Carlos da Silva, 1975

Comentário Expositivo de MATEUS: Comentário Exegético
/ Jean Carlos da Silva Alcantara. – Suzano (SP): Publicações Gramma-
ta, 2020. (Coleção Teológica)

332 p. : 14 x 21 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-00-02190-5

1. Bíblia. N. T. EVANGELHOS de Cristo - Comentários. 1.
Bíblia. N. T. Evangelho biografia - Crítica e interpretação. I. Título.

08-04179

CDD-224.906



SUMÁRIO

I – QUESTÕES INICIAIS

- Textos adotados por este comentarista, 12
Agradecimentos, 15
8 Apresentação do livro, 19
Prefácio, 23
Síntese do período Inter bíblico, 25
-

II – QUESTÕES RELACIONADAS AO LIVROS DE MATEUS

- Autor do evangelho de Mateus, 49
Data do livro de Mateus, 51
Contexto histórico de Mateus, 52
Comparação com outros livros da bíblia, 54
Esboço do livro de Mateus, 55
-

III – COMENTÁRIO EXPOSITIVO DE MATEUS 1-10

1. A genealogia de Jesus (1.1-28), 58
2. Os magos do oriente e vai-e-vem da família de Jesus (2.1-23), 78
3. O início da atividade de Jesus (3.1-17), 96

4. A tentação de Jesus (4.1-11), 110
 5. As Bem – aventuras ou Beatitudes (5.1-12), 114
 6. A Parábola da Candeia (5.15,16), 117
 7. A Parábola dos dois alicerces (7.24-27), 128
 8. A Parábola do pano novo em vestido velho **9**
(9.16), 135
-

IV – COMENTÁRIO EXPOSITIVO DE MATEUS 13-23

9. A Parábola do semeador (13.1-23), 140
10. A Parábola do joio e do trigo (13.24-30), 154
11. A Parábola do grão de mostarda (13.31,32),
167
12. A Parábola do tesouro escondido (13.44),
174
13. A Parábola da rede (13.47-50), 177
14. A Parábola da ovelha perdida (18.12-14),
182
15. A Parábola do credor incompassivo (18.23-
35), 188
16. A Parábola dos trabalhadores da vinha
(20.1-16), 200
17. A Parábola dos dois filhos (21.28), 210
18. A Parábola dos lavradores maus (21.33-
46), 216
19. A Parábola das bodas (22.1-13), 224

V – COMENTÁRIO EXPOSITIVO DE MATEUS 24-28

- 20. A Parábola da figueira (24.32-35), 238
- 21. Resumo escatológico em (24.45), 243
- 22. A Parábola das dez virgens (25.1), 258
- 23. A Parábola dos talentos (25.14-30), 270
- 24. Eventos importantes na última semana de Jesus (26.1-75), 280
- 25. Jesus perante Pilatos e Herodes (27.1-31), 295

Conclusão , 312

Lista de contribuintes, 317



I - QUESTÕES INICIAIS

Textos adotados por este comentarista

TEXTO HEBRAICO ADOTADO

ELLIGER, K. - RUDOLPH, W. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, [1967/77], 1997.

12

TEXTO DA SEPTUAGINTA ADOTADO

RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert. (eds.). *Septuaginta: Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes – Editio altera*. Vols. 1 e 2 Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

TEXTO GREGO ADOTADO

The Greek New Testament, edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger. Nestle-Aland 27th Edition of the Greek New Testament).1994 by Deutsche Bibelgesellschaft (German Bible Society), Stuttgart.

TEXTO EM LATIM ADOTADO

Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam QUARTA EDITIO Logicis Partitionibus aliisque Subidis ornata a ALBERTO COLUNGA ET LAURENTIO TURRADO, 1946

Abreviaturas importantes nesta obra

ARC - A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

NAA - A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

ACF - A BÍBLIA SAGRADA: Tradução João Ferreira de Almeida corrigida e revisada. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana, 2007.

NTLH - A BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

TB - A BÍBLIA SAGRADA: Tradução Brasileira. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

NVI - A BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora vida Nova, 2000.

NVT - A BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Transformadora. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.

KJA - A BÍBLIA SAGRADA: Traduzida pelo Comitê Internacional e Permanente de Tradução da Bíblia King James. São Paulo: Abba Press, 2007.

KJF - A BÍBLIA SAGRADA: Bíblia King James Fiel. São Paulo: BV Book's, 2007.

NRGIATM - Novo Testamento Grego: interlinear analítico - texto majoritário - Editora Cultura Cristã, SP

NRGISBB - Novo Testamento Grego: Sociedade Bíblica do Brasil. SBB, Barueri.

NRGIWCL - Novo Testamento Grego: interlinear de Waldir Carvalho Luz, Hagnos, SP

Agradecimento

Ao GRANDE E ETERNO DEUS, por ter-me agraciado com esse tão maravilhoso dom da escrita, principalmente nesta área, exegética.

À minha querida esposa, Joseane Lima, ¹⁵ que tem compreendido integralmente o meu ministério: ensinar por meio da escrita. Sempre comigo nos momentos de mais turbulências e tribulações. As vezes se faz necessário de privar para poder se concentrar em textos gregos, hebraicos e latinos.

Ao meu cunhado Joel Lima, bênção em minha família.

Ao Pastor Presidente da CONFRADESP e Ministério do Belém, José Wellington Bezerra da Costa pelos ensinamentos que nos transfere nas reuniões em nossa sede e o Pastor José Wellington Júnior, presidente da CGADB.

Ao nosso pastor Setorial da Assembleia de Deus Ministério do Belém em Suzano Davi Reinaldo Fonseca, pelos projetos com minha família.

Ao preclaro pastor José Fernandes Filho, que de forma tão singela, honrosa e contundente fez menção aos meus modestos livros nas redes sociais.

Comentário Bíblico - MATEUS

16

A todos dirigentes de congregação em nosso setor 13 - Suzano - SP que de forma honrada e singela me reconhecem como homem de Deus. Aos meus amigos Reginaldo de Jesus da congregação do Casa Branca 1 em Suzano, no qual me receberam de braços abertos e Claudionor, conhecido como 'pastor Nor'.

Minha profunda gratidão aos mestres e doutores das Escrituras, dos quais cresci lendo os livros desde os meus 16 anos de idade: Pr. Antônio Gilberto (in memoriam), Pr. Abraão de Almeida, Pr. Geziel Gomes, Pr. Elienai Cabral, Pr. Elinaldo Renovato, Pr. Claudionor de Andrade, Pr. Russell Shedd, Pr. Esequias Soares, Pr. Jeremias do Couto, Pr. Jeferson Magno, Pr. Eurico Bergstén (in memoriam), Pr. Emílio Conde (in memoriam), Pr. Lawrence Olson (in memoriam), Pr. Severino Pedro (in memoriam), Pr. Enéas Tognini (in memoriam) e tantos outros mestres e doutores da Palavra espalhados por este Brasil afora. Um discípulo apenas reproduz aquilo que aprendeu do seu mestre! Quando aprendemos em boa escola, reproduzimos somente coisas boas! (Lc 6.45)

Ao pastor doutor, filósofo, professor e comentarista da CPAD, Douglas Baptista, a quem dedico esta obra, pela honrosa e gratificante participação em meu ministério.

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

Ao presidente da AD ministério do Ipiranga, Pr. Alcides Fávaro e toda a presidência, e em especial ao nobre pastor setorial de Carapicuíba (que me consagrou ao presbitério), José Leanti Pinto, pra esse eu 'tiro o chapéu'.

Aos doutores em Bíblia e exegese pastores **17** José Elias Croce, Caramuru Afonso e Adayltom de Almeida (im memorian). Reconheço, vocês estão na minha frente, obrigado pelos conselhos e aprendizados pelo portal da Escola Dominical, Caped's e outros eventos ligados à EBD.

Ao mestre em Hermenêutica Sagrada Pastor Roberto Carlos Cruvinel, que a quase 8 anos atrás, com suas críticas, conselhos e sugestões fizeram-me crescer e chegar ao patamar que estou hoje. O pastor citado aqui tem exemplo de vida cristã e acadêmica.

Aos pastores da AD no Rio Grande Do Norte, minha igreja, Martins Alves, presidente desta igreja. Destaco os pastores: Francisco Oliveira que pastoreia a cidade de Macau – RN, ao Patriarca Cícero, na cidade Baraúnas - RN (local onde ouvi a primeira promessa de meu ministério do ensino) onde me receberam carinhosamente, também aos pastores de Mossoró.

Comentário Bíblico - MATEUS

18

Aos pastores da AD ministério Paulistano em especial ao Dr. Eliel e pastor Eli, entre outros obreiros deste abençoado ministério. Aos pastores de várias igrejas, comunidades em São Paulo e no Brasil que apoiam e nos convidam para aulas, pregações e palestras, se fosse citá-los precisaria um livro somente para isto.

Aos meus alunos, em todos os pontos, seminários e faculdades de São Paulo, que têm aprendido com as minhas simples interpretações e exegeses das Escrituras!

Professor Jean Carlos

Suzano, SP, 29 de Janeiro 2020

Apresentação do livro

Apresento ao público evangélico e estudantes da Bíblia meu novo comentário de Mateus. Este trabalho faz parte do projeto que iniciamos em 2006 e, muito em breve, precisamente em 2026, teremos terminado toda a Bíblia.

19

ENTENDO que naquela época as dificuldades eram maiores para se lançar um livro, dificuldades essas que eu não preciso listar neste momento.

De todos os modos, esta obra reúne os três fatores predominantes no campo da hermenêutica, que são: **CULTURAL, HISTÓRICO E GRAMATICAL**. De forma sucinta, teremos ao longo da obra cada parábola comentada em duas partes: em primeiro lugar, questões gramaticais e, depois, questões teológicas.

Bom, o leitor poderá encontrar um comentário teológico, comentário sintático, análise gramatical, exposição morfológica das palavras, exegese, interpretação, visão teológica, resumo geográfico, cultural e histórico e, também, a fim de ilustrar e facilitar a compreensão do leitor, importantes gráficos, todos produzidos em computador; sinceramente, mas sinceramente mesmo, espero que ajude ao cenário evangélico no Brasil uma obra com este cunho.

Comentário Bíblico - MATEUS

20

Antes de tudo, é importante frisar que o leitor encontrará o título da parábola, do discurso, do ensino ou dos milagres em ordem pelos evangelhos, começando por Mateus. A parábola, o discurso, o ensino ou o milagre que estiver em dois ou mais evangelhos, seguirá a ordem natural em nossas Bíblias. Embaixo do título, haverá o texto ou os textos em que aparece a parábola, o discurso, o ensino ou o milagre nos evangelhos, por exemplo: existem parábolas, discursos, ensinos ou milagres que estão nos três evangelhos, sendo assim, coloco os três textos; outras, em dois; e assim sucessivamente.

Embaixo, o leitor encontrará o texto em português de quase todas as parábolas, os discursos, os ensinos ou os milagres, para que quando o leitor for estudar em ônibus, metrô, etc., tenha a facilidade do texto bíblico no próprio livro. Na sequência, há no livro o que denominei de a parte inédita do livro, que é a exposição do texto grego. Primeiro coloco os principais termos do respectivo texto grego - neste caso, se contiver em mais de um evangelho, coloco no primeiro mencionado -; em seguida, divido este texto em partes, fazendo a exposição gramatical, sintática e morfológica de todas as parábolas, dos discursos, dos ensinos ou dos milagres do livro.

Em primeiro lugar, teremos um tópico por nome: **'EXPOSIÇÕES TEOLÓGICAS'**, em que comentaremos a parte teológica, doutrinária, histórica e bíblica do livro. Nesta seção faço as análises culturais, históricas e geográficas. Nesta obra o leitor encontrará um profundo estudo sobre uma candeia, alqueire, velador, dracma, denário, lâmpada móvel, lâmpada fixa, levita, fariseu, enfim, são mais de cem assuntos; exatamente isto: mais de cem assuntos.

Após estas importantes partes do livro e/ou estudo de cada parábola, faço a parte interpretativa do livro, isto é, se a parábola, o discurso, o ensino ou o milagre é para Israel, se também para a Igreja, se somente para a Igreja, etc. O leitor encontrará em algumas exposições aplicações práticas da parábola para a vida cristã.

Em segundo lugar, vou deixar um bloco individual chamado: **'EXPOSIÇÕES EXEGÉTICAS'**, onde falaremos de hebraico, Septuaginta e muito mais.

E, por último, mas dentro do segundo bloco, colocarei um resumido quadro comparativo das principais traduções em língua portuguesa. Esta parte eu vejo como importante para o leitor ter em mente as diferenças que existem nos métodos e nas aplicações teológicas.

Outro ponto importante para escrever este comentário dá-se pelo fato da ausência de comentários escritos por pentecostais;

Comentário Bíblico - MATEUS

22

não estou dizendo que não temos excelentes comentários escritos por nossos mestres assembleianos, mas devido ao espaço que eles possuem, não são tão intensos assim, pois são eles ocupados para dedicarem longos períodos com escritas. Outra veracidade que temos de grandes obras são que a maioria vem traduzida do inglês, francês e espanhol; alguns desses, inclusive, vocês verão sendo citados.

Prefácio

Recebi, com muita alegria e honra, o convite de prefaciá-lo o presente livro do pastor e mestre Jean Carlos da Silva, doutor em teologia exegética, linguista e tradutor, obreiro aprovado por Deus, desenvolvendo o seu ministério, na vocação divina, com dedicação exclusiva. Potiguar, meu conterrâneo, sempre dedicado em busca do aprendizado das Sagradas Escrituras, tanto que, frequentemente, na sua mais tenra idade, desde 1980 sempre foi um assíduo aluno da Escola Bíblica Dominical e, hoje serve ao Senhor, com sua família, na Assembléia de Deus em Suzano/SP, tendo sido por Deus vocacionado, exerce com abnegação o dom de ensinar, conforme o apóstolo Paulo escreveu aos romanos: “...se é ensinar, haja dedicação ao ensino;” (Rm12.7b). O dileto teólogo já possui diversas publicações que enriquecem a cultura bíblica nacional e esta obra, certamente, trará outra contribuição valiosa em prol da edificação e crescimento do Reino de Deus.

23

O autor oferece uma análise expositiva do livro de Mateus, a partir da minuciosa leitura dos originais. Aliás, a língua e a gramática gregas são abundantemente explicadas, no afã de apresentar o sentido correto da aplicação textual, outorgando, desta forma, autoridade inquestionável às conclusões advindas. Nesse exercício exegético, o autor condensa, com primor, informações e interpretações já apresentadas em importantes compêndios, bem como acrescenta outras, sempre com bastante cuidado de, por um lado, não privar o leitor das inúmeras correntes históricas e teológicas que envolvem o assunto em pauta e, de outro, nunca estabelecer como verdade absoluta algo que não se encontra claramente mencionado nas Escrituras, indicando frequentemente as fontes de suas afirmações para, com isso, atribuir o valor devido a cada uma delas.

Comentário Bíblico - MATEUS

Trata-se, destarte, de mais um tesouro teológico lançado pela GRAMMATA PUBLICAÇÕES, no desiderato de expandir aos homens a verdadeira doutrina bíblica, como sói acontecer, em consonância com a profecia de que “a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Hc 2.14 ARA).

24 Nos laços do Calvário,

Reinaldo Odilio

Pastor da Igreja Assembléia de Deus no RN -

IEADERN

Ministro da Convenção de Ministros da Igreja

Assembléia de Deus no RN - CEMADERN

Síntese do período Interbíblico

Nesta introdução, gostaria de colocar em pauta as festas do calendário judaico que, para a maioria, não são simples comemorações do passado. Por exemplo, as festas do Purim e do Khanucá foram instituídas pelos sábios judeus, mas não constam do livro da lei de Moisés. Para que possamos entender melhor a essência da festa de Purim, temos de colocar no contexto da história que a acompanha a disputa do povo judeu, nem tanto com os babilônicos, mas, sim, com os impérios persa e grego. 25

O povo judeu nasceu no período em que os israelitas se libertaram do Egito. Depois disso, o Senhor Deus concedeu a Moisés, o legislador de Israel, a lei. Na sequência histórica, houve a conquista da terra prometida e, a partir de então, o povo foi exilado pelos babilônicos, sendo, em seguida, dominado, quando ainda no exílio, pelos persas. Mas isso não é tudo. Os judeus conseguem voltar à sua terra e constroem o segundo templo. Mas a influência do Império Romano sobre o povo judeu foi tão forte que culminou na destruição do segundo templo e, mais tarde, na expulsão dos judeus da terra.

O período que passaremos a estudar agora diz respeito ao tempo em que a Bíblia só relata a metade do domínio do império persa sobre os judeus. Depois, temos de contar com a ajuda dos

historiadores, tanto do judeu Flávio Josefo como do grego Heródoto. Esses dois homens hão de contribuir com o enriquecimento deste livro.

Bem, vamos ao estudo histórico, por meio do qual veremos a atuação da mão do Deus que é Todo-Poderoso. Amém!

IMPÉRIO BABILÔNICO

Como base para o início deste estudo, tomaremos os textos de Daniel 2.1-40 e Daniel 7.1-10, onde a essência profética é a seguinte: Deus dá uma tremenda revelação sobre o fim de cada império. Quanto aos babilônicos, o Senhor revela que o seu reino seria passado para outro povo. O período do Antigo Testamento, até o início das retomadas, abrange a reconstrução de Jerusalém e coloca em evidência Josué e Zorobabel, entre outros. Devemos observar que, nessa ocasião, o reinado não pertencia mais aos babilônicos, já havia passado aos medo-persas.

Quando Ciro estava no poder, teve conhecimento da profecia de Isaías 45.1-8. Então, imediatamente, permitiu que o abençoado povo de Deus retornasse à sua terra natal. Uma vez em “casa”, os israelitas começam a construção, mas tiveram de enfrentar uma grande oposição. Foi um período difícil e, por conta disso, a obra tem uma pausa, sendo retomada depois, e a todo o vapor. E foi exatamente nesse período que se fecharam

as cortinas proféticas do Antigo Testamento e, também, o próprio Antigo Testamento.

Observe, que o Antigo Testamento termina durante o reinado de Dario. E é aqui que daremos início ao nosso estudo, ou seja, no período interbíblico.

IMPÉRIO MEDO-PERSA

O fim do império babilônico foi profetizado por Daniel, o que aconteceu na mesma noite em que a profecia foi falada, conforme registro do capítulo 5 de Daniel. E quem assumiu o controle foram os medo-persas. O medo era o natural ou habitante da Média (Et 1.19; Dn 5.28), que ficava na região que hoje é a Armênia. Em 539 a.C., a Média se aliou à Babilônia para conquistar a Assíria. Mas Ciro invadiu a Babilônia e Dario, o medo, tornou-se rei de Babilônia, conforme Daniel 5.31. Já a Pérsia aparece no cenário histórico em, pelo menos, 700 a.C. como aliada de Elã. Então, os descendentes dos conquistadores de Elã se dividiram em dois ramos. Um desses ramos reinou em Azã (na Média). O outro permaneceu em Susã (na Pérsia).

O neto de um desses descendentes (que no grego é teispes), Ciro II, uniu os dois ramos, que passou a se chamar medo-persa. Uma vez unidos, Ciro conquista a Babilônia, em 539 a.C. O historiador grego Heródoto conta com alguns detalhes como isso se deu.

ZOROBABEL

28

Filho de Sealtiel (Ag 1.1) ou Salatiel (Mt 1.12); também chamado Pedaías (1Cr 3.17-19), i.e., de acordo com o uso frequente que é dado à palavra “filho”, poderia ser ainda neto ou sobrinho de Salatiel. É também conhecido pelo nome persa Sesbazar (Ed 1. 8, 11). No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, conduziu o primeiro grupo de judeus, que incluía 42.360 pessoas, de volta a Jerusalém (Ed 2. 64), excluindo-se os servos. Este grupo voltou do cativeiro no final dos setenta anos. No segundo ano depois do regresso do cativeiro, ele erigiu um altar e colocou os fundamentos do templo em ruínas, que fora destruído por Nabucodonosor (Ed 3.9-13; cap. 4-6). Em todo o trabalho realizado, ele sempre ocupou uma posição proeminente, visto que era também descendente direto de Davi.

ESDRAS

Um “escriba” que conduziu o segundo grupo de exilados desde a Babilônia até Jerusalém em 459 a. C. e foi o autor do livro das Escrituras que leva o seu nome. Era filho, ou talvez o neto, de Seraías (2 Rs 25.18-21), e descendente, em linha reta, de Fineias, o filho de Aarão (Ed 7. 1-5). Tudo o que se sabe da sua história pessoal está registrado nos últimos quatro capítulos do seu livro e em Nm 8 e Nm 12. 26.

No sétimo ano do reinado de Artaxerxes Longânimo, ele recebeu permissão para se dirigir a Jerusalém, levando com ele um grupo de israelitas (Ed 8. 1-36). Artaxerxes demonstrou grande interesse pelo empreendimento que Esdras desejava levar a cabo, concedendo-lhe “tudo o que ele pedira” e carregando-o de presentes para a casa de Deus. Esdras reuniu um grupo de exilados, provavelmente cerca de 5000 pessoas ao todo, que já estavam à sua espera nas margens do Aava, onde descansaram durante três dias e onde Esdras as dispôs por ordem, a fim de efetuarem a marcha através do deserto e cuja travessia foi conseguida em quatro meses. Os trâmites realizados em Jerusalém, quando da sua chegada lá, estão registrados neste livro.

Ele era “um hábil escriba no que se referia à lei de Moisés,” que *“predispusera o seu coração a estudar a lei do Senhor e a cumpri-la, ensinando a Israel os estatutos e juízos.”* Diz o Professor Binnie que “Esdras é o primeiro exemplo bem definido de uma espécie de homens que nunca deixou de haver dentro da igreja desde então, homens de uma erudição sagrada, que devotam as suas vidas ao estudo das Sagradas Escrituras, a fim de estarem preparados para as interpretar, com o objetivo de instruir e edificar a igreja. É significativo o fato de ser na história do ministério de Esdras que se faz uma das primeiras menções ao púlpito (Ne 8:4). Ele tinha mais de professor

do que de sacerdote. Do que se lê sobre o seu trabalho no livro de Neemias, vê-se que Esdras tinha o cuidado de instruir todo o povo na lei de Moisés, e não há razão para rejeitar a tradição judaica que liga o seu nome à compilação e edição do cânone do Velho Testamento. A compilação final do cânon pode ter sido, e provavelmente foi, um trabalho de uma geração posterior, mas parece ter sido Esdras quem o colocou na ordem que a Bíblia Hebraica agora ainda possui.

Durante cerca de quatorze anos, i.e., até 445 a. C., nada sabemos do que se passou em Jerusalém, depois que Esdras colocou em ordem os negócios civis e eclesiásticos da nação. Nesse ano, aparece em cena uma outra distinta personagem - Neemias. Depois que as muralhas da cidade foram reconstruídas por Neemias, muita gente se juntou em Jerusalém para assistir à sua consagração. No dia estabelecido, toda a população se reuniu e a lei foi lida por Esdras e pelos seus assistentes em voz alta (Ne 8:3). Esta cena notável é descrita em detalhe. Deu-se um grande despertar religioso.

Durante vários dias, eles estiveram reunidos em assembleias solenes, confessando os seus pecados e oferecendo sacrifícios solenes. Deram, também, início à festa dos Tabernáculos com grande solenidade e entusiasmo, renovando o seu concerto nacional e afirmando-se, mais uma

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

vez, como o povo do Senhor. Completaram-se os arranjos para os serviços no templo e, então, nada mais faltava, senão a dedicação dos muros da cidade (Ne 12. 1-47).

IMPÉRIO GREGO - (331-167 a.C.)

31

Muitos pensam que a Grécia foi criada nesse período. Ledo engano! Enquanto as grandes potências mundiais estavam todas concentradas na Ásia, a Grécia já existia. Na realidade, o início contextual e histórico da Grécia está repleto de mitos. De acordo com o testemunho dos historiadores, principalmente de Heródoto, a história da Grécia teve início lá pelo século 12 a.C. De acordo com as Escrituras Sagradas, foi exatamente nesse período, quando da época dos juízes em Israel, que tudo começou. Depois disso, entra em cena a história de Tróia e Homero, aproximadamente mil anos a.C. Todavia, a mais autêntica história grega começa em 776 a.C. Com o início das Olimpíadas, em 490-331 a.C., entraram também em cena as batalhas, as maratonas, as salaminas, etc.!

ALEXANDRE MAGNO - (331-323 a.C.)

Depois de duzentos anos de “soberania” persa, que durou até 331 a.C., surge mais uma potência mundial: o império alexandrino. De acordo com os historiadores, os colonizadores persas e medos vieram, por meio das margens

do Mar Egeu, e causaram as guerras já citadas. Alexandre, que nasceu na Macedônia, foi educado aos pés de Aristóteles. O livro apócrifo dos Macabeus traz uma introdução de sua vida. Após várias conquistas, Alexandre tornou o seu império em uma grande potência mundial, conforme já havia falado, séculos antes, o profeta Daniel. Em verdade, Alexandre iniciou suas batalhas ainda bem jovem. Segundo os historiadores, as afrontas dos persas contra os gregos eram muitas. E foram justamente essas afrontas que incentivaram Alexandre a lutar contra os persas. Com apenas vinte anos de idade, Alexandre assumiu o controle do governo e montou um pequeno exército com apenas 32 mil homens. Sua primeira intenção, ao criar esse regimento, foi atacar o Egito. Mas, de acordo com alguns historiadores, para que Alexandre conseguisse seu objetivo, teria, antes, de enfrentar a grande potência de Tiro. Então, por conta desse desafio, Alexandre resolveu construir uma torre móvel de 55 metros de altura.

Em dez anos, Alexandre conquistou o mundo daquela época.

Todos os historiadores fazem citações a Alexandre, o Grande. O historiador judeu Flávio Josefo e o próprio historiador grego Heródoto confirmam esse fato. Existem diversas citações, em grego, do historiador judeu Flávio Josefo, onde ele diz que Alexandre fundou a cidade de

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

Alexandria em 332 a.C. Essa cidade ficava na costa Norte do Egito e se tornou uma grande via de comercialização.

Alexandre morreu aos 32 anos de idade, em 323 a.C. O reino, então, passa para quatro generais gregos.

33

Os ptolomeus - Reis gregos no Egito
(323-117 a.C.)

Os selêucidas - Reis gregos na Síria e Babilônia
(312-129 a.C.)

Lisímaco - Troácia e Bitínia

Cassandro - Grécia e Macedônia

*“Depois disso, continuei olhando, e vi outro animal, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas costas. Este animal tinha quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio”
(Dn 7.6).*

Com certeza, essa profecia se refere aos quatro comandantes que assumiram o império depois da morte de Alexandre. Se observarmos o contexto histórico, veremos que esse domínio, após a morte de Alexandre, foi, certamente, algo prematuro. A sorte judaica, agora, dependia desses quatro generais. E foi justamente na época dos ptolomeus que houve

Comentário Bíblico - MATEUS

uma grande realização literária. Ou seja, a tradução das Sagradas Escrituras hebraicas para o grego, conhecida como Septuaginta.

34 Segundo alguns historiadores, essa obra foi patrocinada por Filadelfo, mais conhecido como Ptolomeu II, por volta do século III a.C.

Participaram da tradução em referência 72 eruditos judeus. Todo o trabalho foi realizado pelos próprios judeus. Representantes de cada tribo de Israel fizeram parte do grupo. A obra foi concluída em 72 dias. Ainda hoje existem partes dessa obra.

Os judeus, depois desse grande ato, receberam, do Ptolomeu da época, alguns presentes. Dessa versão do hebraico, surgiram muitos termos equivalentes no grego. Antes, existiam apenas termos em hebraico, mas, depois, os eruditos judeus converteram os termos em hebraico para alguns equivalentes em grego.

OS SELÊUCIDAS E OS PTOLOMEUS

NOME	ANO/a.C.
Seleuco Nicator	312-281
Antíoco I (Soter)	281-261
Antíoco II (Theos)	261-246
Seleuco II (Calinico)	246-226
Seleuco III (Cerauno)	226-223
Antíoco III (O Grande)	223-187
Seleuco IV (Filapater)	187-175

Antíoco IV (Epifânio)	175-164
Antíoco V (Eupater)	164-162
Demétrio I	162-150
Alexandre Balas	150-146
Antíoco VI	146-143
Trifon	143-139
Antíoco VII	139-129

UM POUCO SOBRE OS PTOLOMEUS

É importante citar que, a essa altura do contexto histórico, a Palestina ficou, até 198 a.C., sob o controle dos ptolomeus, que eram os reis gregos no Egito. Nessa ocasião, dizem os historiadores que a situação era pacífica. Em 198 a.C., Antíoco, o Grande, reconquistou a Palestina, que voltou para as mãos dos reis da Síria, ou seja, para as mãos dos selêucidas. Para uma compreensão mais profunda sobre os ptolomeus, passaremos, agora, a citá-los, ainda que de forma resumida. Vejamos:

PTOLOMEU I (SOTER) 323-285 A.C.

Ptolomeu era o nome que se dava à dinastia de reis gregos que reinaram no Egito.

No início, Ptolomeu I tratou os judeus com certa severidade. Mas, depois, conheceu a história de revolta dos judeus.

Comentário Bíblico - MATEUS

PTOLOMEU II (FILADELFO) 285-246 A.C.

36 Foi destacado pelos historiadores como um rei de justiça, principalmente por ter dado destaque às letras. De certa forma, tratou os judeus com moderação. O destaque, nesse reinado, foi a biblioteca de Alexandria, que se tornou o centro científico da época, de onde avançaram muitas ciências que ainda existem hoje.

PTOLOMEU III (EVERGUES) 246-222 A.C.

Evergues era doente e morreu antes de completar suas intenções, tanto na cultura quanto na política. Foi durante o seu governo que se iniciaram as guerras contra os selêucidas. Herdou um Estado rico e próspero, porém as ganâncias entre os selêucidas continuaram mais agravantes. O livro apócrifo de Macabeus narra e cobre a história desses três ptolomeus.

PTOLOMEU IV (FILOPATER) 222-205 A.C.

A história nos diz que ele foi o principal suspeito da morte de seu pai. Isto porque, em seus primeiros atos como rei, segundo a história, ele matou a própria mãe e seu irmão mais novo. Todo o seu reinado foi marcado por crimes.

A briga do Egito contra a Síria continuava, porque esses dois reinos queriam, a todo custo, conquistar a Palestina. No decorrer da história, os judeus estavam prestes a passar por uma afronta.

Em 217 a.C., conforme uma citação no livro dos Macabeus, houve uma batalha de Rapha. Foi a primeira tentativa da Síria de invadir a Fenícia. Depois desse episódio, Ptolomeu IV passou para Jerusalém a sua pretensão, que era de invadir o templo. Mas houve, por parte dos judeus, uma rápida oposição. A partir daí, a sorte dos judeus mudaria completamente. Ptolomeu IV esperava uma ajuda do povo judeu, porém os judeus não deram conta. Por conta disso, retornou ao Egito extremamente aborrecido. E lá reuniu todos os judeus, lançando-os no Hipódromo (local onde se realizavam corridas de cavalos). Tudo isso indicava a ira do rei contra o povo judeu. Ao agir daquela forma, ou seja, lançando os judeus no lugar em que os cavalos corriam, sua intenção era criar um espetáculo sangüinário. Mas, dizem os historiadores que os judeus oraram ao Senhor Deus. Como se não bastassem os cavalos, colocaram também na arena elefantes para destruírem os judeus. Mas como os judeus tinham clamado a Deus, os elefantes se atiraram contra os egípcios.

RESUMO HISTÓRICO SOBRE OS MACABEUS ASMONEU

O termo em hebraico significa “opulento”. Os asmoneus eram descendentes de Hasmã. De acordo com o historiador judeu Josefo, Hasmã foi sacerdote da família de Joaribe.

Comentário Bíblico - MATEUS

38

Comparemos, agora, o texto de 1Macabeus 2.1, que diz: *“Naqueles dias Matatias, filho de João, filho de Joarib, saiu de Jerusalém e habitou sobre modim”*, com o texto de 1Crônicas 24.7: *“Saiu a primeira sorte a Jeoaribe”*. Jeoaribe foi antecessor dos macabeus. Mas, em verdade, quando se fala em asmoneus, na literatura judaica, a evidência peculiar é dada a Matatias, em cuja árvore genealógica existe algo mais antigo.

MACABEU

A origem exata do termo é objeto de muita discussão. Em verdade, o termo se deriva do vocábulo hebraico makkabah, que quer dizer “martelo”. Segundo alguns historiadores, essa terminação ocorreu por causa das pancadas que Judas e seus companheiros davam nos inimigos. Outros, ainda, dizem que se refere ao capacete usado na época, que tinha o formato de um grande martelo. Bem, seja como for, as pessoas que recebiam este nome tinham uma grande coragem.

Em primeira instância, o nome “macabeu” pertencia ao terceiro filho de Matatias, que se chamava Judas. Depois, passou a designar toda a família.

IMPÉRIO ROMANO

A cidade propriamente dita não nasceu em 63 a.C., mas, sim, a sede do governo que, no futuro, iria assumir o poder. Pompeu, um general romano, já era senhor no Egito, e também em algumas outras regiões, tais como: Armênia e Damasco. 39

Antipater, por sua vez, era de Edom, isto é, descendente de Esaú (Gn 36.1-39). A Bíblia diz que quando Jacó voltou à Mesopotâmia, Esaú havia ocupado a terra de Edom (Gn 32.3; Js 24.4). Os edomitas estão presentes em quase toda a extensão do Antigo Testamento, conforme podemos ver em Números 20.14-21, Salmo 69.1-4; 137.7 e 1Reis 14.22. Segundo afirmação do historiador judeu Flávio Josefo, um dos macabeus, João Hircano, obrigou os edomitas a se circuncidarem e os acoplou ao povo judeu. Esse relato se encontra no livro de Josefo intitulado "*Antiguidades judaicas*" (Ant. 13.9).

Veremos, mais adiante, que um dos Herodes era edomita. Na realidade, podemos ver que Pompeu é o pai da dinastia dos Herodes.

PRIMEIRO TRIUNVIRATO

O triunvirato era um reinado de três governantes. Quando dois desses governantes morriam, o reinado ficava com aquele que permanecesse vivo. Não poderiam ser escolhidos outros para substituírem os dois

que falecessem. Pompeu, Crasso e Júlio César reinaram sobre Roma, constituindo, dessa forma, o primeiro triunvirato. Mas Júlio César logo se tornou governador único. Quando isso aconteceu, Hircano foi escolhido para assumir o trono em Jerusalém. Antipater foi eleito procurador das ordenanças de Hircano. Antipater teve cinco filhos: Fasael, José, Ferobrás, Herodes e Salomé. Fasael se tornou governador da Judeia e Herodes, da Galileia. No ano seguinte, Antipater foi morto, envenenado. Três anos depois, morreu Júlio César. Então, surgiu a necessidade de se erguer um novo triunvirato, mais precisamente em 44 a.C.

SEGUNDO TRIUNVIRATO

Constituição:

- Marco Antônio
- Otávio
- Lépido

Otávio era sobrinho de Júlio César.

Otávio, Marco Antônio e Lépido passaram a governar Roma. Marco Antônio governava a Síria e, segundo alguns historiadores, o Oriente.

De acordo com a história, Marco Antônio passou a favorecer Herodes, um dos filhos de Antipater. Então, por conta disso, só restava a família dos edomitas subir ao poder. Herodes, então, casa-se com Mariana, que pertencia à

família dos macabeus.

Com respeito à morte de Marco Antônio, existe uma dificuldade histórica. Uns dizem que ele foi morto em uma batalha em Atium, em 31 a.C. Outros, que ele se suicidou. Como quer que seja, quem assumiu o poder foi Otavio. Uma vez no poder, Otavio se torna Augusto. 41

Herodes fica como governador geral da Judeia.

Sobre os Herodes, trataremos mais adiante.

OS IMPERADORES

O termo imperador é simplesmente definido como *“aquele que rege um reino”*.

Os imperadores eram aqueles que davam as ordens aos seus comandados. Já observamos que havia sempre um comandante. Nabucodonosor, seu filho e o vasto império babilônico, ou seja, os onze reis da Pérsia, e mais o império grego e também os ptolomeus e os selêucidas, estavam no comando do mundo de então. Tanto o Oriente como o Ocidente passam a se submeter ao grande Império Romano. Para uma melhor compreensão, listaremos no quadro abaixo todos os imperadores que estiveram no poder em Roma, comandando o mundo inteiro daquela época.

ALGUNS IMPERADORES

Júlio César - 46-44 a.C.

Augusto - 27 a.C. a 14 d.C.

Tibério - 14- 37 d.C.

Calígula - 37-41 d.C.

Cláudio - 41-54 d.C.

42

Nero - 54-68

Gaiba - 68-69

Otã/Vitélino - 69

Vespasiano - 69?-79

Tito - 79-81

Domiciano - 81-96

Nerva - 96-98

Trajano - 98-117

Adriano - 117-138

Antonio Pio - 138-161

Marco Aurélio - 161-180

Lúcio Vero - 161-169

Cômodo - 180-192

Perimax/Dídio - 193

Sétimo Severo - 193-211

Caracaia - 211-217

Geta - 211-217

Macrino - 217-218

Hélio Gabaio - 218-222

Severo Alexandre - 222-235

Maximino - 235-238

Gardano I, II e III - 238-244

Felipe, o Árabe - 244-249

Décio - 249-251

Valeriano - 253-260 / Galleno - 253-268

OS HERODES

Herodes era o nome da dinastia de vários governadores da Palestina e de outras localidades. Já aprendemos que os Herodes eram descendentes de Edom (Esaú). Para uma melhor compreensão do tema, vejamos o gráfico abaixo.

43

HERODES, O GRANDE

Aos 25 anos de idade, Herodes, filho de Antipater, passou a dominar a Palestina, depois da morte de seu pai, que ocorreu em 43 a.C.

Marco Antônio visitou a Síria e nomeou os tetrarcas. Os romanos foram induzidos por Antônio. Jerusalém foi tomada e Herodes se tornou rei da Judeia, em 37 a.C. Os sobreviventes da família de Antipater eram, agora, os Herodes. As coisas não estavam muito bem entre os Herodes e os judeus. Um dos eventos históricos citados ainda hoje é a construção ou a reforma do templo em Jerusalém, feita por Herodes, embora Herodes jamais tivesse deixado de agradar o imperador.

Nos evangelhos, podemos encontrar um incidente bem conhecido envolvendo Herodes. Ao saber do nascimento de um rei, logo providenciou a matança de todas as crianças que moravam em Belém e em todo o seu termo. As vítimas eram os bebês de dois anos para baixo, conforme registrado em Mateus 2.1-19. Essa foi uma das últimas atrocidades de Herodes.

Comentário Bíblico - MATEUS

Depois de subir ao trono, Herodes começou a praticar crimes cruéis. Chegou até mesmo a matar sua própria mulher e seus dois filhos. Era cruel, astuto e de sangue frio. Herodes morreu aos 70 anos de idade.

44

CRONOLOGIA DA JUDEIA DE 63-04 A.C.

Fim do reino dos Macabeus - 63 a.C.

A Palestina se torna uma província - 63 a.C.

Antipater (pai de Herodes Magno) auxilia César no Egito - 48 a.C.

Antipater e Hircano controlam a Judeia - 44 a.C.

Herodes Magno é governador da Galileia - 43-42 a.C.

Herodes Magno é rei de todos os judeus - 37 a.C.

Herodes reconstrói o templo - 17 a.C.

Nascimento de João Batista - 6 a.C.

Nascimento de Jesus - 5 a.C.

Morte de Herodes Magno - 4 a.C.



II - QUESTÕES RELACIONADAS AO LIVROS DE MATEUS

Introdução geral do evangelho de Mateus

Muitas coisas no evangelho de Mateus ficarão claras com uma rápida consulta ao período interbíblico, assim chamado o período constante entre o Antigo e Novo Testamentos.

46

Sobre a questão "*evangelho segundo Mateus*", ao que tudo indica, foi acrescentado no século II, como aplicação da mensagem de Jesus. Aí, dentro da normalidade, 'evangelista' passou a indicar aquele que redigiu o evangelho. Chamar o evangelista de "*santo*", São Mateus, já foi atribuição da igreja romana; até poucos anos atrás tínhamos em nossas Bíblias tal designação. Então existem 4 evangelhos? Claro que não; o evangelho é do Senhor e Salvador Jesus Cristo, mas foi escrito por quatro evangelistas.

O terceiro Evangelho é considerado a coroa dos Evangelhos sinópticos. Enquanto o Evangelho de Mateus enfoca a realeza do Messias e Marcos o poder, Lucas enfatiza o amor de Deus. Lucas é o Evangelho do Homem Perfeito; da alegria (Lc 1.28; 2.11; 19.37; 24.53); da misericórdia (Lc 1.78,79); do perdão (7.36-50; 19.1-10); da oração (Lc 6.12; 11.1; 22.39-45); dos pobres e necessitados (Lc 4.18); e do poder e da força do Espírito Santo (Lc 1.15,35; 3.22; 4.1; 4.14; 4.17-20; 10.21; 11.13; 24.49). Lucas é, portanto, o Evangelho do crente que quer conhecer melhor o seu Senhor e ser cheio do Espírito Santo.

Alguns de nossos sábios têm apontado que os evangelhos são manifestações de Cristo ao mundo; já Atos dos Apóstolos, a propagação do Evangelho por meio da Igreja. As Epístolas são explanação,

interpretação e aplicação do evangelho, e o grande livro do Apocalipse é a consumação de todas as coisas; neste caso, Mateus estaria inserido na manifestação de Cristo ao mundo; que coisa linda!

No evangelho que Mateus escreveu encontramos os 5 (cinco) grandes discursos de Jesus. Claro, devido a ser um comentário exegético, nem todos terão dados pormenores, contudo analisaremos alguns. Os discursos estão nos grandes blocos (5. 3-7.27; 10.5-42; 13.3-35; 24.4-25.46). Quem não lembra do célebre discurso de Jesus no famoso Sermão do Monte? Temos também o trabalho de envio dos cristãos, o reino dos céus, etc... grande riqueza.

A credibilidade histórica de Mateus está dentro da credibilidade geral dos quatro evangelhos e Mateus, claro, dentro do contexto. Estes autores dos evangelhos tinham condições intelectuais e morais para documentar uma verdade assim tão séria? Como testemunhas oculares, tinham plenas condições e Mateus, claro, dentro do contexto. O erudito Rienecker aponta Mateus como uma testemunha ocular presencial imediata, a chamada testemunha auditiva.

Outro fundamento importante apontado pelo erudito Rienecker é a credibilidade histórica documentada pelos pais da igreja e, principalmente, os autores do II século.

Ao apresentar a soberania de Jesus, clara e evidente em sua redação, Mateus começa o seu evangelho com a genealogia do Senhor, voltando a Abraão, o pai do povo hebreu, através do Rei

Comentário Bíblico - MATEUS

48 Davi, o modelo de rei de Israel. Ao apresentar a servidão de Jesus, conforme a narrativa do segundo evangelho, Marcos não dá nenhuma genealogia em tudo, porque a linhagem de um servo é irrelevante. Ao apresentar Jesus como o Filho do Homem, conforme narrativa do terceiro evangelho, Lucas traça Sua genealogia de volta para o primeiro homem, Adão. Ao apresentar Jesus como o Filho de Deus, conforme a narrativa do evangelho da “águia voando”, João não dá nenhuma genealogia humana ou narrativas do nascimento e da infância. Ele abre o seu evangelho dando, por assim dizer, a genealogia divina de Jesus: *“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”*, versículo profundíssimo do evangelho (João 1.1).

De acordo com Claudionor Correia de Andrade, a mensagem do livro de Mateus gira em torno do tema da realeza de Jesus. Assim como praticamente todos os parágrafos do evangelho de João, aponta para algo da divindade de Cristo; praticamente todos os parágrafos de Mateus apontam para algo de Sua realeza. Este tema foi destacado por uma linda pregação do pastor Assembleiano Eliel Sobrinho, na década de 1990.

De acordo com Macathur, Mateus apresenta o Messias Rei, que é revelado, o Rei que é rejeitado, e o Rei que irá voltar. Jesus é pintado em cores reais neste evangelho como em nenhum dos outros. Sua ascendência é traçada a partir da linhagem real de Israel; seu nascimento é temido por um rei terreno ter ciúmes; os magos trazer os presentes reais ao menino Jesus do leste; e João Batista anuncia o rei e proclama que o Seu reino está próximo.

Autor do evangelho de Mateus

A função de Mateus era de cobrar impostos a serviço do governo romano ou do rei Herodes, estabelecimento este localizado com base em Cafarnaum. Após a chamada meiga do Mestre, Mateus não pensou duas vezes: levantou-se e foi seguindo (Mt 9. 9; Lc 5. 27). Depois as escrituras mostram que foi convocado para ser apóstolo (Mt 10.3; Mc 3.18).

49

Os outros Evangelistas o chamam de Levi, filho de Alfeu; era isto comum entre os judeus, usarem 'dois nomes'; acredita-se que anteriormente fosse até chamado pelos dois nomes, e também que o nome Mateus fora dado por consequência da chamada do Mestre.

O nome 'Mateus' aparece com frequência no Novo Testamento? Não! O porquê, eu não sei. Claro que sua redação é importante. No Novo Testamento o autor do primeiro evangelho é citado apenas cinco vezes (9.9; 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13). Uma questão importante para ser abordada é a seguinte: a citação sobre a vocação de Mateus não está apenas em Mt 9.9, mas também em Mc 2. 14; Lc 5. 27-29; os três informes concordam literalmente.

Veja o título do evangelho na Bíblia Grega ou nos manuscritos antigos: KATA MAΘΘAION Kata Maththaion. Este termo é o que aparece na Bíblia em grego. O Novo Testamento em Hebraico utiliza מַתִּיָּאֵי MaTTay e o Dr. David H. Stern Mattityahu; ambos, de forma básica, se entendem como dom de YHWH (para o ocidente, Jeová).

Comentário Bíblico - MATEUS

50

Claro que desde tempos antigos pesquisadores queriam que 'Mateus' não fosse um nome alternativo para 'Levi', e sim duas pessoas diferentes; esta posição, mesmo sendo antiga, está claro que não é mera especulação, Mateus e Levi eram sim a mesma pessoa. E por que Marcos e Lucas não o chamam de "publicano Mateus" e sim de "Publicano Levi"? A teoria levantada pelo erudito Rienecker é que se Marcos e Lucas o chamassem de "Publicano Levi", amorteceria o impacto em relação aos judeus que o ouvissem, por seu passado. Como sabemos seu passado, se o seu próprio passado não tem muitas informações conclusivas e fidedignas? Neste caso, veja o que o erudito Barclay comentou:

"Sabemos muito pouco sobre a pessoa de Mateus. Em Mateus 9.9 lemos a história de seu chamado. Sabemos que era coletor de impostos e que, portanto, deve ter sido uma pessoa profundamente odiada, porque os judeus odiavam aos membros de sua própria nação que tinham entrado para o serviço civil de seus conquistadores. Mateus deve ter sido considerado um traidor de sua própria raça e povo. Mas sem dúvida possuía um dom" (página 10 do comentário de MATTHEW WILLIAM BARCLAY).

Devemos salientar também a posição do erudito A. T. Robertson, em seu comentário publicado pela CPAD, onde ele destaca:

"Como morador da Galileia e publicano (cobrador de impostos) que colaborava com Roma, ele não era um judeu intolerante, por isso não temos um livro inclinado a favor dos judeus. Ele não mede esforços para mostrar que Jesus é o Messias judeu e a esperança nacional,

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

e faz citações frequentes do Antigo Testamento para confirmar e ilustrar a posição messiânica de Jesus. Contudo, não encontramos nacionalismo intransigente em Mateus. Jesus é o Messias dos judeus e o Salvador do mundo” (Comentário Mateus e Marcos, página 16, CPAD).

Para finalizar este bloco de Mateus, até **51** destacado pelo célebre erudito Rienecker, após o seu chamado oferecido pelo Mestre dos mestres, Mateus já veio com seu espírito missionário, preparou um grande culto no lar, com um excelente banquete, e chamou a vizinhança e seus colegas de trabalho para desfrutar daquela maravilhosa oportunidade.

Data do livro de Mateus

Quanto à autoria do livro, é como está em nossas bíblias: o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo Mateus. Reconheço que existe um debate longo sobre se este evangelho foi mesmo escrito por Mateus, contudo, diversas provas que temos já são suficientes de que este autor é mesmo Mateus, o publicano, isto até evidenciado pela tradição cristã histórica. E sobre a data da redação e sua localização? Bom, como outros livros do Novo Testamento, era de se esperar dificuldade.

Alguns autores consagrados no mundo têm apontado a palestina como possível local da redação do evangelho, já o erudito Streeter apontou Antioquia da Síria como redação, aí citam algumas teorias que não se faz necessário citar aqui; a importância do evangelho se dá pelo conteúdo, e não pela localização.

Comentário Bíblico - MATEUS

52

Claro que a data de antes de 70 d.C. é a preferida de comentaristas pelo episódio da invasão romana citada por Jesus, conseqüentemente a profecia do Senhor Jesus em Mateus 24.2. Com isso o erudito Hendrisken salienta que, como Jerusalém não tinha ainda sido destruída, conforme anunciei acima, então o livro só poderia ter como certa uma data antes da data citada. Agora, não esqueçamos do erudito Rienecker, que usa esta mesma ideia, contudo, anota o termo “parece”; ao meu ver, “parece” apenas parece, mas não fecha necessariamente a questão. Uma data posterior, como apresenta o comentário Beacon, como 0 80 d.C., ou posterior, não me causa nenhuma dificuldade, pois poderia perfeitamente o autor ter recebido o relato da pregação de Jesus colocado no capítulo 24 e depois ter escrito o restante; como quer que seja, a data ficará aberta pelas dificuldades de lacuna no próprio livro.

Contexto histórico de Mateus

O contexto histórico de Mateus, evidentemente, é diferente de um contexto histórico de Ageu, por exemplo. Basicamente as principais informações históricas relacionadas ao pano de fundo seriam mesmo o local da redação. Contudo, isto não significa que no evangelho segundo escreveu Mateus não haja citações de cronologia e histórias.

No capítulo primeiro temos a citação bíblica: *“Após o nascimento de Jesus em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, eis que alguns*

sábios vindos do Oriente chegaram a Jerusalém" (KJA 2.1). Perceba que temos a citação da cidade do nascimento de Jesus, "Belém da Judeia". Depois, temos a citação histórica do Egito no versículo 14. Já o deserto da Judeia aparece na clássica pregação de João Batista; quem não conhece? Outro destaque que quero dar é a vinda de Jesus da Galileia para a Judeia, principalmente em algum ponto especial do Jordão; ali, o Cristo é batizado por João Batista (3.13).

Outro ponto histórico citado é um ponto específico que o autor cita no capítulo 4 – a famosa tentação de Jesus.

Praticamente todo o livro tem seu percurso histórico pela palestina, Judeia, Galileia e Judeia, etc. Um destaque fora disso temos quando o Senhor Jesus vai para as regiões de Tiro e Sidom. De acordo com historiadores, Tiro foi a primeira casa dos Fenícios na costa de Canaã, e através das suas extensas relações comerciais tornou-se uma "grande" cidade (Josué 11.8; Josué 19.28). Foi a cidade-mãe de Tiro. Permaneceu dentro dos domínios da tribo de Assur, mas nunca foi subjugada (Juízes 1.31). Lá, o Senhor Jesus encontrou-se com a tradicional história da mulher Cananeia (15.21). Bom, basicamente seria isso; nestes relatos o mais importante não seria o lugar em si, mas os acontecimentos, as boas-novas, os milagres oferecidos por Cristo.

Comparação com outros livros da Bíblia

54

Esta parte, sobre uma comparação, é bem interessante, pois anotaremos pontos fundamentais e pontos que merecem nosso comparativo. No profundo texto *"O primeiro aparentava um leão, o segundo era semelhante a um touro, o terceiro tinha um semblante como o de homem, o quarto parecia uma águia em pleno voo"* (Ap 4.70), temos a citação de quatro características: "leão... touro.... de homem... águia em pleno voo"; exatamente este comparativo que é excelente abordar. Por exemplo: comparando com Marcos. Mateus apresenta Jesus como Rei (neste caso representado pelo Leão); Marcos apresenta Jesus como servo (representado por um bezerro novo). Comparando com Lucas, Mateus apresenta a rejeição de Jesus, e Lucas apresenta sua aceitação. Comparando com Apocalipse, Mateus 24 ajuda na explicação dos julgamentos dos eventos na grande tribulação, selos, julgamentos e taças; claro, de acordo com nossa declaração de fé das Assembleias de Deus, a Igreja não passará pela grande tribulação. Mesmo que de forma singela, temos comparativos sim dos evangelhos com outros livros.

De acordo com os comentaristas bíblicos, fica patente e explícito que Mateus escreveu o seu Evangelho para os judeus; qual seria o principal objetivo do autor então? Apresentar Jesus como o Messias. Quando o Evangelho foi escrito, a nação já o havia rejeitado, e logo - se Mateus foi escrito entre 50 e 80 d.C. - iria sofrer por isto um severo juízo através da destruição de Jerusalém (70 d.C.). Hayes

diz: *“O primeiro Evangelho tinha algo do caráter de um ultimato oficial. Foi um último aviso do Senhor para o seu povo”*.

Esboço do livro de Mateus

O esboço que irei apresentar abaixo não é palavra final, apenas uma possibilidade de divisão vista por este comentarista. Também não reflete na exposição do livro desenvolvida no sumário da obra. O sumário reflete aquilo que vamos comentar e destacar, este esboço aponta para um “esqueleto” de todos os livros.

55

I. A Preparação do Messias, 1.1—4.25

- A. A Genealogia de Jesus, 1.1-17
- B. O Nascimento de Jesus, 1.18-25
- C. A Infância de Jesus, 2.1-23
- D. O Ministério de João Batista, 3.1-12
- E. O Batismo de Jesus, 3.13-17
- F. A Tentação de Jesus, 4.1-11
- G. Os Primeiros Tempos na Galileia, 4.12-25

II. Primeiro Discurso: O Sermão do Monte, 5.1—7.29

- A. O Cenário do Sermão, 5.1-2
- B. A Natureza dos Discípulos, 5.3-16
- C. A Justiça dos Discípulos, 5.17-48
- D. A Religião dos Discípulos, 6.1-34
- E. A Vida dos Discípulos, 7.1-29

Comentário Bíblico - MATEUS

III. Narrativa Retomada: Um Ministério de Milagres, 8.1—9.34

IV. Segundo Discurso: As Instruções Para os Doze, 9.35—10.4

A. A Necessidade de Obreiros, 9.35-38

B. A Missão dos Doze, 10.1-42

V. Narrativa Retomada: A Rejeição do Messias, 11.1—12.50

VI. Terceiro Discurso: Parábolas do Reino, 13.1-52

A. O Cenário, 13.1-2

B. As Sete Parábolas, 13.3-50

C. A Sequência, 13.51-52

VII. Narrativa Retomada: Viagens de Jesus, 13.53—17.27

VIII. Quarto Discurso: A Comunidade Cristã, 18.1-35

IX. Narrativa Retomada: Discipulado e Controvérsia, 19.1—23.39

A. Disciplina, 19.1—20.34

B. A Controvérsia, 21.1—23.39

X. Quinto Discurso: O Sermão Profético do Monte das Oliveiras, 24.1—25.46

XI. A Paixão, 26.1—27.66



**III - COMENTÁRIO
EXPOSITIVO DE
MATEUS 1-10**

1. A genealogia e nascimento de Jesus (1.1-28)

EXPOSIÇÃO TEOLÓGICA DOS VERSÍCULOS 1-17

“Livro da geração de Jesus Cristo, Filho de Davi, Filho de Abraão” (v. 1)

Os versículos 1-17 apresentam a genealogia de Jesus. O que temos aqui é a linha ancestral de Jesus pela chamada linha paterna por meio de José. Fica claro que esta *“genealogia e nascimento”* elaborada por Mateus evidencia seu propósito de mostrar Jesus aos judeus, como legítimo. Neste particular, veja o que assegura Macathur:

59

“...um dos principais propósitos de Mateus, em seu evangelho, e o objetivo principal dos capítulos 1 e 2, é estabelecer o direito de realeza em Israel de Jesus. Para qualquer observador honesto e, certamente, para os judeus que sabiam e criam em suas próprias Escrituras, esses dois capítulos justificam a reivindicação de Jesus diante de Pilatos: “Tu dizes que eu sou rei; por isso eu tenho nascido, e por isso vim para o mundo” (João 18:37)”.

Nesta genealogia temos diversos nomes importantes do Antigo Testamento, e destaco o aparecimento de quatro mulheres; o erudito Wilimington até destaca o caso como incomum. Vamos começar destacando que para os judeus as genealogias nunca eram de pouca importância, com certeza eles as utilizariam para algum propósito.

Comentário Bíblico - MATEUS

Outro fato predominante para as genealogias, salientado pelo erudito Hendrisken, principalmente por algumas referências no livro de Rute, é que elas serviam para algum esclarecimento ou transferência de patrimônio.

60

Para dar validade a esta importância apresentada por Mateus, veja o que colocou o erudito Hendrisken:

“Depois da volta da Babilônia, uma pessoa que pretendesse possuir prerrogativas sacerdotais tinha de provar sua linhagem sacerdotal. Do contrário, ela ficava excluída do ofício (Ed 2.62). Nos primórdios da nova dispensação, o cumprimento do dever em conexão com o registro geral ou “alistamento” descrito em Lc 2.1-4 requeria conhecimento do rol de ancestrais”.

De acordo com a Bíblia, encontramos fundamentos para afirmar que Mateus propõe mostrar, elaborar algum documento ‘oficial’, que com certeza os que quisessem observar teriam a informação de que Jesus Cristo é, no lado humano, filho de Davi, como o Messias tinha de ser, e filho de Abraão. Como ele pode ser Filho de Davi nascido muitos anos depois? Claro que a questão em evidência aqui é justamente a árvore genealógica. Neste particular, entendemos perfeitamente que Ele não era um mero herdeiro judeu das promessas abraâmicas, não era apenas

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

um mero expectador: ele cumpria a promessa feita a Abraão. Mateus começa a linhagem messiânica com Abraão, ao passo que Lucas retrocede a linhagem de Cristo até chegar a Adão.

“E, depois da deportação para a Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel, e Salatiel gerou a Zorobabel” (v. 12)

61

Nos versículos 1-12, Mateus cita diversos nomes importantes na história do Antigo Testamento. Volto ao começo onde introduzi destacando o aparecimento de quatro mulheres; o erudito Wilimington até destaca o caso como incomum. Claro, não coloquei aqui Maria, isto é, com ela seriam cinco. O que vejo aqui em algumas delas é a perfeita soberania de Deus para trabalhar e ‘encaixar’ quem Ele quiser. Temos uma mulher por nome Tamar, Raabe e Bete-Seba; destas, saliento que ou sofreram com o pecado, ou o praticaram (Gn 38.13-30; Js 2.1; 2 Sm 11.1-5). E, por último, temos a conhecida e improvável Rute, a gentia (Rt 1.4). Veja que essas mulheres ficaram notórias para sempre entrando na genealogia do Rei dos reis.

No final do versículo 11 para o versículo 12, temos a contagem das conhecidas quatorze gerações citada no versículo 17. O marco para esta contagem de Mateus é o cativo Babilônico em 586 a.C. Por favor, consulte a introdução em que falei sobre o período interbíblico. Percebemos claramente que o autor Mateus usa esse grande acontecimento para diferenciar as duas últimas divisões uma da outra,

Comentário Bíblico - MATEUS

62

e nisto concordamos com o erudito Robertson. A deportação para a Babilônia pode significar “para a Babilônia” ou “da Babilônia”; aqui os judeus entenderiam claramente que quando o cativo aconteceu, eles foram para a Babilônia; quando terminou, foram da Babilônia. Mas os leitores judeus conheciam os fatos do Antigo Testamento. Mateus quer dizer a deportação “*para a Babilônia*”.

Sobre a citação duas vezes de ‘Jaconias’, vejamos que ele é chamado de Jeconias (variante de Joaquim), e de Conias (contração de Jeconias). De acordo com a Bíblia, aos 18 anos, Jeconias tornou-se rei e deu continuidade às práticas más de seu pai. O pai de Jeconias, Jeoiaquim ou Joaquim, tinha estado sujeito ao rei babilônico, Nabucodonosor, mas rebelou-se no seu terceiro ano de vassalagem. Isto resultou em Jerusalém ser sitiada.

“e Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama o Cristo” (v. 16)

Até o versículo 15, o autor Mateus utilizava a palavra ‘gerou’, que aparece vinte e sete (27) vezes, praticamente duas citações por versículo, só que no versículo 17 ele não poderá utilizar, daí “*da qual nasceu Jesus*”.

Do ponto de vista teológico, fica clara a verdade com referência ao nascimento virginal do Salvador que é introduzida em linguagem simples e clara; tem como negar isso aqui? Ela está implícita antes que expressa de forma plena. Agora não nos é dito que José tornou-se o pai de ou gerou a Jesus, ficando o assunto em Mateus.

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

Claro que vários nomes desta relação foram falhos e cometeram pecados, contudo, a graça de Deus os alcançou e num resumo da genealogia de Mateus, vemos a graça de Deus agindo nestes três períodos ou eras da história de Israel.

O primeiro período, desde Abraão até Davi, foi o dos patriarcas e de Moisés, Josué e os juízes. O segundo período, desde Davi até a deportação para a Babilônia, foi o da monarquia, quando Israel, depois de ter insistido em ter reis humanos, teve como rei Saul. O terceiro período, desde a deportação para a Babilônia até o tempo de Cristo, foi o de cativo, o exílio, a frustração, e o tempo de variações. A maioria dos homens que Mateus menciona neste período de Salatiel a Jacó, o pai de José, são desconhecidos para nós para além desta lista.

63

EXPOSIÇÃO EXEGÉTICA DOS VERSÍCULOS 1-17

“Livro da geração de Jesus Cristo, Filho de Davi, Filho de Abraão” (v. 1)

O primeiro termo para nossa análise é o substantivo Βίβλος biblos. Tecnicamente falando, o termo indica casca estritamente interna de palheta de papiro usada para papel; como objeto, um documento escrito na forma de um pergaminho ou livro (At 19.19). Também o termo poderá indicar casca estritamente interna de junco de papiro usado para papel; como objeto, um documento escrito na forma

Comentário Bíblico - MATEUS

64

de um pergaminho ou livro. Esse termo helênico referia-se originalmente a uma planta chamada papiro, cujas hastes ou cascas eram usadas para fazer folhas para se escrever. E o termo português 'papel' deriva-se de Βίβλος biblos? Não, deriva-se da palavra grega πάπυρος (papiro). De acordo com os eruditos, pedaços de papiro eram juntados e macetados a fim de formar uma superfície plana para a escrita, usado muito na antiguidade.

Outro termo que merece destaque neste bloco é γενέσεως gênésséôs, substantivo no genitivo feminino singular de γένεσις gênéssis; basicamente o genitivo indica posse e aponta para uma origem, daí gênesis. A combinação grega Βίβλος γενέσεως biblos gênésséôs mostra um registro de origem destacada, registro de princípios e/ou registro dos ancestrais. Este, portanto, é o grande registro dos ancestrais daquele que se chama Jesus Cristo. Apenas para aprofundar esta questão do nome Jesus Cristo ou Iêssus Khistu, ou Yêshuah, vamos colocar abaixo algo interessante.

Βίβλος γενέσεως Ἰησοῦ χριστοῦ Biblos gênéséô Iêssu Khristú (grego)

Liber generationis Jesu Christi (latim)

סֵפֶר תּוֹלְדוֹת יֵשׁוּעַ הַמָּשִׁיחַ Séphér Tôledôt Yeshua' HaMashyaKh (hebraico)

A palavra em língua portuguesa 'Jesus', como conhecemos, é uma forma latinizada de *Jesu*, que por sua vez vem do termo grego Ἰησοῦς Iêssus. O que seria a forma grega Ἰησοῦς Iêssus? Claro que é uma forma helenizada do hebraico, **יְהוֹשֻׁעַ** Yehōshua', ou como no versículo de Mateus em Hebraico **יֵשׁוּעַ**, Yeshua', que de forma simples e objetiva significa YHWH (SENHOR) é salvação. *"E ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados"* (v. 21). Quanto ao nome Cristo? Já não é um nome pessoal, já é um grande nome de ofício, que basicamente indica 'ungido'. Basta olhar em Is 61.1. O NTGIAM traduziu a combinação Βίβλος γενέσεως Biblos génésêô como livro das genealogias. O NTGIWCL traduziu a combinação Βίβλος γενέσεως Biblos génésêô como livro de geração. O NTIGSBB traduziu a combinação Βίβλος γενέσεως Biblos génésêô como livro de (as) linhagens.

"E, depois da deportação para a Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel, e Salatiel gerou a Zorobabel" (v. 12)

O primeiro termo para nossa análise é o verbo ἐγέννησεν égenênssen, conjugado no indicativo aoristo ativo. Basicamente o indicativo tem ação tida como certa, como temos no texto. O tempo aoristo é uma ação realizada acabada. O verbo ἐγέννησεν égenênssen vem da forma básica γεννάω gennaô, palavra um pouco complexa, contudo, vamos tentar explicar de forma mais simples. O linguista Carlos

Comentário Bíblico - MATEUS

66

Rusconi salienta como uma derivação direta; o radical indica ‘nascimento’; claro, ainda temos a voz passiva, média, etc., que não vêm ao caso agora. Os linguistas Louw e Nida apresentaram o verbo ἐγέννησεν égennêsen ao grande campo semântico dos processos e estados fisiológicos, assim sendo, o termo vem a indicar o papel masculino com relação à concepção e nascimento de uma criança, popularmente, gerar ou ser pai, daí o versículo aponta: Abraão gerou... etc.

“e Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama o Cristo” (v. 16)

Para o nome de Jesus, o Cristo, consultar o tópico anterior.

Como as versões traduziram as frases? (v. 1)

ARC, TB, KJF e ACF: “Livro da geração de Jesus Cristo...”.

KJA, NVI, NAA: “Livro da genealogia de Jesus Cristo...”.

NVT: “Este é o registro dos antepassados de Jesus Cristo...”.

NTLH: “Esta é a lista dos antepassados de Jesus Cristo...”.

VERSÍCULO 16

ARC, NVI, NAA, TB, KJF, ACF: "...da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo".

KJA: "...da qual nasceu JESUS, denominado o Cristo".

67

NVT: "...Maria deu à luz Jesus, que é chamado Cristo".

NTLH: "...e ela foi a mãe de Jesus, chamado Messias".

EXPOSIÇÃO TEOLÓGICA DOS VERSÍCULOS 18-25

"Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim..." (v. 18)

De acordo com as escrituras, no relato do nascimento de Jesus, podemos encontrar de forma linda e profunda duas belíssimas poesias conhecidas na teologia cristã como Magnificat de Maria, a mãe de Jesus, e o Benedictus de Zacarias, o sacerdote; estes profundos louvores temos nos textos de Lc 1.46-55,67-79. De forma simples, qual a natureza desses cânticos? Especialistas apontam como natureza profética e como tal contextualizam o nascimento de Cristo dentro das promessas de Deus a seu povo; claro que no Antigo Testamento temos várias profecias e promessas deste lindo evento. Maria, por exemplo, diz que, ao nascer

Comentário Bíblico - MATEUS

68

Jesus, Deus estava se lembrando das promessas feitas a Abraão, e isto podemos ver em outro evangelho, no texto de Lc 1.55. Por outro lado, Zacarias afirma da mesma forma que tal visitação era o cumprimento do que Deus havia prometido na antiguidade aos profetas (Lc 1.70). O nascimento de Jesus não se tratava, portanto, de um evento sem nexos com a história bíblica. Foi um fato que aconteceu na plenitude dos tempos e testemunhou o cumprimento das promessas de Deus (Gl 4.4).

“Então, José, seu marido, como era justo e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente” (v. 19)

No versículo anterior, a Bíblia diz que Maria estava desposada com José. De acordo com a cultura judaica, era levado a sério isso. De acordo com os especialistas em Bíblia, um noivado já era uma responsabilidade de um pré-casamento. Também sabemos que o período de ‘desposar’ era de 1 ano. Temos também relatos de que a noiva infiel podia ser apedrejada. Pensando em tudo isso, José então decidiu deixá-la secretamente, no oculto, pensando que estava sendo traído. Neste particular, veja o que comentou o erudito Robertson:

“Mateus passa a explicar a declaração feita em 1.16, que insinuara que José, embora pai legal de Jesus na linhagem

da realeza, não era o pai biológico do filho de Maria. Estar desposado (noivo) era questão séria entre os judeus, em cujo estado civil não se entrava levemente e nem se desfazia facilmente. “O homem que desposava uma moça era legalmente o seu marido (Gn 29.31; Dt 22.23-28), sendo impossível o cancelamento informal do noivado”. Embora não vivessem juntos como marido e mulher até o casamento, a quebra de fidelidade por parte de um dos noivos era tratada como adultério e punível pela morte”.

“Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz” (v. 22)

Depois do evento do versículo 19, onde José quis sair fora de modo oculto, de certo modo até pensando na noiva, a Bíblia diz que o Deus poderoso entra em ação. Quando ainda planejava como faria com seu plano, foi dormir e, durante o sono, ele teve um sonho, e nesta revelação divina através do SONHO, LHE APARECIA um anjo, vindo da parte de Deus, que passou a falar com José, por nome, chamando-o de Filho de Davi, citou o nome de sua noiva - “Não temas receber Maria...” -, e por último apresentou o plano divino, dizendo que Jesus será gerado do Espírito Santo. Explicar isso naturalmente não seria tarefa fácil, contudo, é obra sobrenatural.

Comentário Bíblico - MATEUS

Para completar a revelação perfeita, o anjo ainda dá o nome do menino, no caso Jesus (para exposição exegética do nome, consultar bloco anterior). A promessa é que Ele salvaria seu povo, isto é, seria o Messias, e para completar a veracidade, apresenta o texto do profeta Isaías:

70

“Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel” (Is 7.14, NVI).

Sobre este importante bloco, finalizando aqui esta síntese, veja o que colocou nosso escritor Assembleiano Josué Gonsalves:

“A mensagem angélica anunciada aos pastores que se encontravam no campo era que havia nascido na “cidade de Davi, [...] o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2.11). Lucas lembra o fato de que Cristo nasceu em Belém, cidade de Davi, cumprindo dessa forma a profecia bíblica (Mq 5.2). Mas o Messias não apenas nasce em Belém, cidade de Davi, Ele também possui realeza porque é da descendência de Davi, como atesta a sua árvore genealógica (Lc 3.23-38). Mas não era só isso. Lucas também detalha como o anjo de Deus falou da realeza do Messias aos camponeses! Ele é o Salvador, o Cristo, o Senhor (Lc 2.11). Essas palavras proferidas pelo anjo, além de mostrarem

EXPOSIÇÃO EXEGÉTICA DOS VERSÍCULOS 18-25

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim...” (v. 18)

A opinião exegética do erudito Robertson é acertada quando diz que o advérbio grego οὕτως hutôs mostra que um novo tópico será apresentado em perfeita harmonia com o raciocínio precedente. Claro, como já foi declarado pelo erudito Brasileiro Waldir Carvalho Luz, a expressão “Foi assim” (grego οὕτως hutôs) é expressão idiomática habitual. Devido à questão estrutural da língua grega, o **NTGIAM**, o **NTGIWCL** e o **NTIGSBB** traduziram o advérbio grego οὕτως hutôs por assim foi.

Outro termo importante seria o substantivo γέννησις génnêsis, traduzido de forma básica como nascimento. Na sequência temos o complexo verbo Μνηστευθείσης mnêsteutheíssês, aoristo passivo particípio de μνηστεύω mnêsteúô, que basicamente em língua grega indica ‘comprometer-se com o casamento’, no entanto, na sociedade israelita, igual ao casamento e sujeito à legislação referente ao casamento e às obrigações contratuais relacionadas a ele, apenas como aprovação. (Textos importantes: Mt 1.16, 18; Lc 1.27; 2.5.) O verbo na voz passiva indica que o sujeito sofreu a ação do verbo e o tempo

Comentário Bíblico - MATEUS

72

aoristo indica uma ação acabada realizada. O erudito Louw apresentou o verbo *μνηστεύω* *mnêsteúô* como pertencente ao campo semântico 'associação', logo, é uma espécie de ligação. Evidentemente, devo destacar, que esta nomenclatura grega dificilmente se aplicará aos moldes atuais de noivado. O noivado nos tempos bíblicos, sendo aplicado pela palavra em foco, tinha mais compromisso. O NTGIAM traduziu o verbo *Μνηστευθείσης* *mnêsteutheíssês* como 'estando prometida em casamento'. O NTGIWCL traduziu o verbo *Μνηστευθείσης* *mnêsteutheíssês* como 'tendo-se comprometido em casamento'. O NTIGSBB traduziu o verbo *Μνηστευθείσης* *mnêsteutheíssês* como 'tendo sido comprometido em casamento'.

"Então, José, seu marido, como era justo e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente" (v. 19)

Aqui nós destacaremos o adjetivo *δίκαιος* *dikaíos*. De acordo com os comentaristas, este mesmo adjetivo é usado para qualificar o casal especial Zacarias e Isabel, conforme lemos no texto de Lc 1.6, e Simeão, conforme anotação de Lc 2.25. Vamos encontrar na Bíblia que ele tinha a consciência judaica para observar a lei que teria condenado Maria à morte por apedrejamento (Dt 22.23). A questão emblemática no versículo é mesmo que seria "infamar" em língua grega? Vai depender de qual linha de reconstrução utilizamos, contudo veremos as duas opções; no final darei meu parecer sobre qual seria original.

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

Nos textos gregos de tradição majoritária, encontramos o verbo παραδειγματίσαι paradeigmatíssai, conjugado de παραδειγματίζω paradeigmatízô, com definição do linguista Carlos Rusconi de 'como se pretende acrescentar ao castigo desgraça publicamente, faça um exemplo de, mantenha o desprezo'; para esta veracidade temos o profundo texto de Hb 6.6. Em contrapartida, em textos da SBU (Sociedades Bíblicas Unidas – UBS) encontramos o verbo δειγματίσαι deigmatíssai, conjugado de δειγματίζω deigmatízô, com o sentido básico de 'faça um exemplo (público) de alguém, desgraça publicamente'. Assim sendo, vamos aos comparativos:

73

A questão de percentagens nos manuscritos

De acordo com o célebre linguista Wilbur N. Pickering, a forma de παραδειγματίζω paradeigmatízô aparece em 99% dos manuscritos; não precisa nem dizer que é uma taxa alta. Já a forma δειγματίζω deigmatízô aparece em apenas 1% dos manuscritos e é adotada pelo Nestle-Aland 28 (conhecido por nós como NA28) e The Greek New Testament, 5ª edição revisada.

Quanto aos novos testamentos em grego, vejamos qual adotou uma forma ou outra:

A forma παραδειγματίζω paradeigmatízô:
Maurice A. Robinson and William G. Pierpont
Hodges e Farstad

Comentário Bíblico - MATEUS

Texto Grego da Igreja Ortodoxa
Poliglota Complutense
Texto Recebido e
Família 35

74

A forma δειγματίζω deigmatízô:

NA29 e

5ª edição revisada - The Greek New Testament: SBL Edition, edited by Michael W. Holmes, 2010

Quanto aos manuscritos gregos adotados, vejamos qual adotou uma forma ou outra:

A forma δειγματίζω deigmatízô: P¹vid **Σ** B 1 1582* f¹ a b c f g¹ h q (Alguns manuscritos em latim)

A forma παραδειγματίζω paradeigmatízô: E07 K017 M021 S U P W 2 28 33 35 118 124 157 346 565 579 700 788 1005 1071 1424 1582ccc 2372 †13

A forma original aqui é παραδειγματίζω paradeigmatízô, de acordo com o texto majoritário e com 99% dos manuscritos.

“Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz” (v. 22).

Nesta última análise desse bloco, tratando-se de comentário mais resumido, destaco a fala do erudito Robertson; veja a frase em grego τούτο δὲ ὅλον γέγονεν ἵνα πληρωθῆ τὸ τούτο δὲ ὅλον γέγονεν ἵνα πληρωθῆ:

“Alford diz que [é impossível interpretar em outro sentido que não para que]. Esta era a antiga noção, mas os gramáticos modernos reconhecem o uso não-final dessa partícula no koiné e até mesmo o uso sucessivo como o ut latino. Alguns até argumentam a favor do uso causal. Se o contexto pede resultado, não precisamos hesitar em dizê-lo, como em Marcos 11.28, João 9.36, 1 João 1.9 e Apocalipse 9.20. Aqui se refere a propósito, o propósito de Deus. Mateus informa que o anjo disse: “foi dito da parte de” (‘hipó’ o agente imediato) o Senhor “por” (‘diá’ agente intermediário) o profeta. Quando dia, é acrescentado a diá hipó, faz-se uma distinção entre o agente intermediário e o agente mediato”.

Como as versões traduziram as frases? (v. 18)

ARC e ACF: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José...”.

KJF: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo se deu do seguinte modo: Estando Maria, sua mãe, desposada com José...”.

TB: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi desta maneira: Estando Maria, sua mãe, já desposada com José...”.

Comentário Bíblico - MATEUS

KJA: “O nascimento de Jesus Cristo ocorreu da seguinte maneira: Estando Maria, sua mãe...”.

NVI: “Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José...”.

76 NAA: “O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Maria, a sua mãe, estava comprometida para casar com José...”.

NVT: “Foi assim que nasceu Jesus Cristo. Maria, sua mãe, estava prometida para se casar com José...”.

NTLH: “O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Maria, a sua mãe, ia casar com José...”.

VERSÍCULO 19

ARC e ACF: “...e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente”.

KJF: “...não querendo fazer dela um exemplo público, estava disposto a deixá-la em secreto”.

TB: “...não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente”.

KJA: “...não querendo expô-la à desonra pública, planejou deixá-la sem que ninguém soubesse a razão”.

NVI: “...e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente”.

Expositivo e Exegético - Jean Carlos da Silva

NAA: "...e não querendo envergonhá-la em público, resolveu deixá-la sem que ninguém soubesse".

NVT: "...e resolveu romper a união em segredo, pois não queria envergonhá-la com uma separação pública.".

77

NTLH: "...Ele não queria difamar Maria e por isso resolveu desmanchar o contrato de casamento sem ninguém saber".
